

COMUNHÃO

Revista Espírita Bimestral
Propriedade da

COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA

www.comunhaolisboa.com

ANO 33

2015

Nº 203

JULHO - AGOSTO

Não aderimos ao último acordo ortográfico

| Proriedade, Administração, Redacção, Composição e Impressão : | Índice | Página |
|---|--------------------------------------|-----------|
| | Editorial | 2 |
| | Palavras de Kardec | 6 |
| | Paulo exorta à fidelidade... | 7 |
| | Paulo de Tarso (soneto) | 16 |
| | Para onde vamos?... | 17 |
| | Páginas do Passado | 20 |
| | Súplica (Soneto) | 29 |
| | Sacudir o pó | 30 |
| | Curiosidade... ou talvez não! | 31 |

*

Director Responsável :
Manuela Vasconcelos

*

Tiragem : 150 exemplares
Distribuição Gratuita

*

Registo nº.211720
Depósito Legal Nº. 13972

*

EDITORIAL

A comemoração de mais um aniversário aconteceu no domingo, dia 28 de Junho; normalmente, é sempre numa data mais próxima de 17 mas, este ano, porque o dia 21 estava já comprometido com outro encontro, tivemos de optar pela que atrás referimos. Festejámos 34 anos, os decorridos desde que a nossa Casa adquiriu personalidade jurídica porque, se formos a contar os anos de existência como Grupo formado, então teremos que subir um pouco a “fasquia”, para referirmos 37 anos... Representam muitos meses, muito estudo, muita preocupação mas, e também, muito desejo de auxílio ao próximo, seja através da moralização, com a interpretação dos ensinamentos de Jesus, seja com a orientação que damos a todos aqueles que no la peçam, para que sejam evitados ou debelados problemas espirituais que a ignorância da existência da lei de Causa e Efeito, como da própria Lei de Deus, vai registando no Livro da Vida de cada um.

Entretanto, este ano tivemos ainda mais um aliciante para a nossa confraternização: a homenagem-lembrança àquele que foi o médium Fernando Augusto de Lacerda e Melo, o Fernando de Lacerda mais referido no país vizinho que aqui mesmo, no seu Portugal. Mas ele, como Espírito evoluído que é, não entristece pela falta de lembrança dos espíritas portugueses e vai continuando a auxiliar sempre que entenda que o pode fazer e quando o Senhor o permita.

E a homenagem a Fernando de Lacerda surgiu pelo aniversário, em 2015, dos 150 anos da sua última reencarnação, ocorrida a 6 de Agosto de 1865. E foi ele o tema da palestra que os

colaboradores da nossa Casa lhe dedicaram, durante os 60 minutos em que foi recordada a sua família, a sua obra, os amigos espirituais que dele se serviram para as suas mensagens para a Terra, e a poesia que ele mesmo foi compondo, mediante a inspiração, a saudade ou a tristeza do momento.

Fernando continua, ainda, a sua assistência aos espíritos daqueles que deixaram a Terra através do suicídio e vai levando, para as reuniões mediúnicas alguns dos muitos que assiste e que podem, no momento, serem esclarecidos e auxiliados com palavras fraternas que referem a vida que continua e o perdão do Senhor para com todos nós.

*

Irmão amigo e frequentador da nossa Casa chamou a nossa atenção para um programa diário de um dos canais da Televisão portuguesa e, durante o qual são feitas consultas e atendidos pedidos por médiuns portuguesas presentes. Ficámos, como se costuma dizer, com a “pulga atrás da orelha”, até porque esse mesmo canal já em anos anteriores tinha trazido até aos telespectadores uma médium inglesa que durante alguns meses falou com alguns daqueles que se “prestaram” a consultá-la, e a quem disse, publicamente, o que entendeu que devia falar e que, na nossa opinião, nem sempre foi o mais correcto mediante o conhecimento que o Espiritismo dá a todos os que estudam a Doutrina e as obras complementares.

Temos uma preocupação muito grande por todos estes casos, porque não só procuramos defender sempre a pureza da Doutrina Espírita, como, principalmente, ouvimos muitas vezes as pessoas apodarem de “espiritismo” aquilo que, a maioria das vezes não passa de fenómenos e atitudes que nada têm a ver com o

Espiritismo. Procurámos, portanto, e logo na manhã imediata à da informação que nos deram, verificar da veracidade e credulidade do referido programa para, mais uma vez, verificarmos que *aquilo não é Doutrina Espirita, não tem nada a ver com espiritismo nem com mediunidade!* Digamos que a única utilidade do programa, em relação à parte dita espiritual é que, através das consultas e “recados do além”, ele, o programa, fala realmente da vida que continua nas mensagens que parece transmitir dos entes que partiram e de que os familiares terrenos procuram saber notícias! Mas é só.

Com o estudo da Doutrina Espirita nós aprendemos que existe a mediunidade e o mediunismo, sendo a primeira a faculdade que o Senhor nos concede, usada correctamente e sem a comercialização que não deve existir nunca; é usada na prática da caridade, principalmente para com os Espíritos desencarnados necessitados de esclarecimento para que, mais libertos do sofrimento, e depois de um primeiro esclarecimento, possam “seguir caminho” entendendo um pouco melhor a sua situação; o mediunismo é a prática da mediunidade sem estudo e, a maioria das vezes aliada ao mercantilismo que não só endivida quem o pratica como leva ao engano todos os que o procuram, porque onde há ‘negócio’ há o afastamento dos Espíritos bons, substituídos a maioria das vezes por mistificadores.

Não sabemos se as pessoas que fizeram as “consultas” pagaram pelas mesmas mas as outras, as que ali estão agindo em nome de uma TV essas com certeza que receberam a sua quota-parte em numerário, o que leva a que toda a atitude seja e esteja errada... mesmo quando se convencem os consultentes de que as “cartas falam”... mas elas não passam de pedaços de carão, mais ou menos grosso, com figuras a que foram atribuídos uns

símbolos: quem as lê, serve-se da sua intuição para dizer para uns e para outros o que “vê” ... mas não vê nada!

Querem saber dos entes queridos que já partiram? Nas preces que se fizerem à noite, ao deitar, rogue-se ao Senhor que permita um encontro espiritual entre uns e outros... e nos “sonhos” que tantas vezes se vivem, os encontros acontecem. Na maneira como uns e outros se apresentam, da sua disposição e maneira de estar se saberá de como eles continuam a sua vida do outro lado... e, no que disserem, estará a mensagem que transmitem, ou o pedido do que necessitem para se melhorarem.

Deixe-se de fazer comércio da mediunidade – dom divino concedido pelo Senhor, principalmente para auxílio de quem o necessite para conforto e ainda para ‘aligeiramento’ de todas essas dividas espirituais que fomos fazendo, como espíritos imperfeitos que somos ainda, e que, através da prática da caridade que a mediunidade representa quando bem utilizada nos vai, pouco a pouco, libertando dos débitos contraídos para com a Lei. De resto, todos somos médiuns e, um pouco mais atentos e disciplinados, todos podemos obter, sem a intervenção de terceiros, a informação que procuramos levianamente obter de outras maneiras.

A DIRECÇÃO

*

PALAVRAS DE KARDEC

CARACTERES DA REVELAÇÃO ESPÍRITA

(Continuação)

57. – Uma das perguntas mais importantes entre as que são formuladas no rosto deste capítulo é esta: Qual é a autoridade da revelação espírita, pois que ela emana de seres cujas luzes são limitadas e que não são infalíveis?

A objecção seria válida, se essa revelação não consistisse senão no ensino dos Espíritos, se devêssemos obtê-la exclusivamente através deles e aceitá-la de olhos fechados; ela seria sem valor desde o instante em que o homem lhe traz o concurso de sua inteligência e de sua opinião; que os Espíritos se limitam a apresentar, por via de deduções, o mesmo que ele pode extrair da observação dos factos. Ou, de outro modo: as manifestações e suas inumeráveis variedades, são factos o homem as estuda e pesquisa a lei que as rege; neste trabalho é ajudado pelos Espíritos de todas as ordens, os quais são antes **colaboradores** que **reveladores** no sentido comum da palavra; ele submete suas expressões ao controle da lógica e do bom senso; por esta maneira, ele se beneficia com os conhecimentos especiais que tem, devido à sua posição, sem abdicar do uso de sua própria razão.

Sendo os Espíritos apenas as almas dos homens, ao nos comunicarmos com eles **nós não saímos da humanidade**, o que constitui uma circunstância capital a ser considerada. Por conseguinte, os homens de génio, que têm sido as bandeiras da humanidade, saíram do mundo dos Espíritos, tal como ali reentraram, ao deixar a Terra. Desde que os Espíritos podem comunicar-se com os homens, estes mesmos génios lhes podem dar instruções sob a forma espiritual, como faziam sob a forma

corporal; eles podem nos instruir após sua morte, como o faziam enquanto viviam; são invisíveis em vez de visíveis; eis toda a diferença. A experiência e o saber que possuíam não devem ser menores, e se a palavra deles, enquanto eram homens, tinha autoridade, essa não deve ser menor, pelo facto de se acharem no mundo dos Espíritos.

ALLAN KARDEC

(Continua no próximo número)

(In: A GÉNESE, ed. Lake, cap. I).

*

PAULO EXORTA À FIDELIDADE E À UNIÃO

Paulo de Tarso, como principal divulgador da mensagem do Mestre, fundou em muitos locais as chamadas igrejas cristãs (*ecclesia* – local de reunião, actualmente significando ‘igreja’). A igreja de Corinto foi fundada durante os 18 meses em que Paulo lá viveu entre os anos 50 e 52 d.C.. À época, Corinto era uma cidade cosmopolita, a principal do mundo helênico, conhecida pelas tendências ao paganismo, à proliferação de cultos e à devassidão. Paulo dedicou-se muito a Corinto. A primeira epístola aos coríntios foi escrita no ano 54 d.C., quando ele se encontrava em Éfeso,¹ para atender aos companheiros que lhe solicitavam apoio ou aos que ele não poderia visitar. Trata-se, segundo esclareceu Emmanuel, de orientações vindas do Cristo, e complementa:

“ (...) Estevão permanecerá mais aconchegado a ti, transmitindo-te meus pensamentos, e o trabalho de evangelização poderá ampliar-se em benefício dos sofrimentos e das necessidades do mundo.”²

O apóstolo sentia a necessidade de passar novas orientações aos companheiros de Corinto, pois, segundo Emmanuel, *“o apóstolo costumava dizer que dos pântanos nasciam, muitas vezes, os lírios mais belos.”*²

O estudioso dos textos bíblicos, Russel Norman Champlin, comentou: *“A primeira epístola aos Coríntios é um dos escritos clássicos de Paulo”*³; preserva, acima de tudo, o *“padrão da ética cristã”*³.

*“(...) encontramos os problemas enfrentados pelos primeiros cristãos gentios, e como Paulo deu solução a esses problemas. (...) Paulo considerava a igreja de Corinto uma das provas palpáveis do ministério apostólico. Por causa da penetração de certos problemas ali, como práticas más e vis, contendas e divisões que chegaram a ameaçar a sua aceitação como um apóstolo de Cristo por aquela igreja, é que Paulo lhes escreveu com consternação mesclada com repreensão e demonstrações de afecto.”*³

Para o autor, as duas epístolas *“registam a história de uma querela”*³ eram as várias questões que vinham sendo discutidas entre os cristãos de Corinto.

Da epístola em análise transcrevemos alguns trechos que merecem reflexões e adequações para o Movimento Espírita:

1:10 – “Rogo-vos, irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e que não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer.”

Champlin esclarece que as divisões em Corinto seriam decorrentes ‘da alienação de sentimentos e do partidarismo contencioso’³. Na actualidade, a literatura espírita detalha o valor e a força da mente e do sentimento, e, por isso, torna-se claramente compreensível a proposta de Paulo para que todos tenham ‘concordia mental e nos sentimentos, em seus desígnios e em seus alvos’³. Emmanuel tratou do assunto em comentário à carta de Paulo aos Efésios (4:3):

A união fraternal é o sonho sublime da alma humana, entretanto, não se realizará sem que nos respeitemos uns aos outros, cultivando a harmonia, à face do ambiente a que fomos chamados a servir. Somente alcançaremos semelhante realização ‘procurando guardar a unidade do espírito pelo vínculo da paz’⁴.

3:3 a 11 – “Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnais e andais segundo o homem? Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo, e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens? Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho. Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós. Segundo a graça de Deus que me foi dada, lancei o fundamento como prudente construtor; e outro edifica sobre ele. Porém, cada um veja como edifica. Porque ninguém

pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo.”

A expressão “andais segundo o homem” significa o contraste existente entre o homem material e o ‘homem espiritual’, numa crítica às inclinações carnis daquela comunidade. Outro detalhe interessante é que o referido pesquisador entende que todos os nomes citados seriam os “heróis das diversas facções”³. As obras do codificador deixam claro que o Espiritismo está fundamentado no ensino moral do Cristo. Cada seareiro deve ser o prudente construtor, como cooperador de Deus, ou seja, aprendemos e somos testados em serviço. Sobre o assunto, Emmanuel, após citar a visão do Cristo às portas de Damasco e a indagação de Saulo, comentou:

*(...) perguntem a si próprios o que fariam nas esferas mais altas, se ainda não se apropriaram dos valores educativos que a Terra lhes pode oferecer. (...)*⁵.

3:12 a 14 – “Contudo, se o que alguém edifica sobre o fundamento é ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, manifesta se tornará a obra de cada um; pois o Dia a demonstrará, porque está sendo revelada pelo fogo; e qual seja a obra de cada um o próprio fogo o provará. Se permanecer a obra de alguém que sobre o fundamento edificou, esse receberá galardão.”

Numa leitura apressada, a passagem pode remeter o leitor à ideia da aquisição de valores materiais. Acerca das várias interpretações, Champlin considerou que

(...) diversos interpretes têm ido mais longe, procurando identificar cada material como se houvesse um sentido específico para cada qual³.

Assim sendo, o ouro significaria as doutrinas mais excelentes do Evangelho, enquanto outros materiais significariam as doutrinas heréticas. Alguns dos materiais citados poderiam significar ‘a influência exercida por esses ensinamentos sobre eles mesmos (...) amoldando essa conduta sobre o alicerce, que é o Cristo’, ou seja, seria a qualidade da acção ou do esforço. A provação do fogo pode ser entendida como os testes da experiência reencarnatória e a consequente avaliação no mundo espiritual. Assim, o galardão – a recompensa real – não seriam os reconhecimentos efémeros e materiais, mas os espirituais. Torna-se oportuna a colocação de Emmanuel:

Recordemos que o supremo Orientador das equipas de serviço cristão é sempre Jesus. Dentro delas, a nossa oportunidade de algo fazer constitui, só por si, valioso prêmio.⁴

4:1, 2 e 6 – “Assim, pois, importa que os homens nos considerem como ministros de Cristo e despenseiros dos mistérios de Deus. Ora, além disso, o que se requer aos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel. Estas coisas, irmãos, apliquei-as figuradamente a mim mesmo e a Apolo, por vossa causa, para que por nosso exemplo aprendais isto: não ultrapaséis o que está escrito; a fim de que ninguém se ensoberbeça a favor de um em detrimento de outro.”

Paulo não aceitava os caprichos e visões equivocadas das comunidades com relação a lideranças e fazia objecção a esse comportamento. Segundo ele, os líderes e divulgadores, entre outras qualidades, deveriam ter fidelidade. A referência ‘a mim

mesmo e a Apolo' remete à ideia de que os autênticos seareiros não devem ser rivais entre si, pois, segundo Emmanuel:

*Convençam-se os discípulos de que o trabalho e a realização pertencem a todos e que é imprescindível se movimente cada qual no serviço edificante que lhe compete. (...)*⁶

5:6 a 8 – “Não é boa a vossa jactância. Não sabeis que um pouco de fermento leveda a massa toda? Lançai fora o velho fermento, para que sejais nova massa, como sois, de facto, sem fermento. Pois também Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o fermento da maldade e da malícia, e sim com os asmos da sinceridade e da verdade.”

Pode-se compreender o ‘fermento’ como um ‘pequeno início’, com a finalidade de ‘desenvolvimento grandioso’. A ‘nova massa’ poderia significar a substituição da ‘massa velha’, a vida antiga, referindo-se aos maus fermentos na comunidade cristã³, tratando-se de clara referência ao orgulho. Em contrapartida, surgem novos valores, como: sinceridade, transparência, integridade... E Emmanuel alerta:

*Paulo de Tarso não recomenda sem razão o cuidado a observar-se, ante o assédio dos maus obreiros. Em todas as actividades do bem, o trabalhador sincero necessita preservar-se contra o veneno que procede do servidor infiel.*⁷

9:22-23 – “Fiz-me fraco para com os fracos, com o fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns. Tudo faço por causa do evangelho, com o fim de me tornar cooperador com ele”.

Os ‘fracos na fé’³, segundo Champlin, seriam as pessoas que se mostravam muito escrupulosas e apegadas ao cerimonial judaico. Em realidade, trata-se de pessoas ‘que não tinham forças para crer no evangelho’³. Paulo destaca a importância de se cooperar com a Boa-Nova libertadora, mas considera a experiência de sua abnegação³, como grande divulgador, principalmente na prática, pelo exemplo e pela renúncia. Este conjunto pode ser entendido com base na seguinte frase de Emmanuel: “*Cristo possui embaixadores permanentes em seus discípulos sinceros.*”

10:23 e 24 – “Todas as coisas são lícitas, mas não todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam. Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem.”

A passagem faz referência à liberalidade predominante em Corinto, que Paulo não aprovava. O altruísmo e a alteridade devem sobrepujar objectivos pessoais. É a essência da mensagem do Cristo: amar e respeitar o próximo. A oportunidade do trabalho na Seara Espírita é, conforme Emmanuel, um grande teste na trajectória espiritual:

*(...) segundo os conhecimentos que possuímos, por ‘acréscimo de misericórdia’, já é tempo de cooperarmos fielmente com Deus, no desempenho de nossa tarefa humilde*⁷.

11:19 – “Porque até mesmo importa que haja partidos entre vós, para que também os aprovados se tornem conhecidos em vosso meio.”

Para Champlin há certa ironia na expressão ‘até mesmo importa’, mas também considera que é no contexto de facções ou de divisões, que se pode identificar o que é genuíno³. O assunto é

sério e delicado, a ponto de Emmanuel, com base em trecho da Carta de Paulo aos Hebreus (10:24), comentar:

Muitas instituições da vida cristã, respeitáveis por seus programas e fundamentos, sofrem prejuízos incalculáveis, em razão da leviandade com que muitos companheiros se observam uns aos outros. (...) Por isso mesmo, recomendou-nos o apóstolo Paulo: 'E consideremo-nos uns aos outros para nos estimularmos à caridade e às boas obras', porque somente nessa directriz estaremos servindo à construção do Reino do Amor.

16:13 e 14 – “Sede vigilantes, permanecci firmes na fé, portai-vos varonilmente, fortalecei-vos. Todos os vossos actos sejam feitos com amor.”

Relacionada com o assunto do trecho epistolar há a seguinte orientação de Emmanuel:

Tenhamos cuidado contra as tristezas e sombras esterilizadoras. Má vontade, queixas, insatisfação, leviandades, não integram o quadro dos trabalhos que o Senhor espera de nossas actividades no mundo. Mobilizemos nossos recursos com optimismo e não nos esqueçamos de que o Pai ama o filho que contribui com alegria.⁶

Nos trechos analisados da Primeira Epístola aos Coríntios, Paulo exorta à fidelidade, vigilância, constância, união e fraternidade! Oportunas sugestões para estudo e reflexão em nossos dias.

Referências:

1 WALKER, Peter. *Pelos caminhos do apóstolo Paulo*. Trad. Mariz, Andréa. São Paulo: ed. Rosari, 2009, cap.9, p. 122 a 127;

2 XAVIER, Francisco C. *Paulo e Estevão*. Pelo Espírito Emmanuel. 45 ed. 6. Imp. Brasília: FEB, 2014, cap.7, p. 377, 376 e 378 respectivamente;

3 CHAMPLIN, Russel, Norman. *O novo testamento interpretado: versículo por versículo*. V.4. São Paulo: Ed. Hagnos, 2014, p.3, 5, 17, 52, 60, 94, 95, 184, 185 e 229 respectivamente.

4 XAVIER, Francisco C. *Fonte Viva*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. Imp. Brasília: FEB, 2014, cap. 49, p. 114; cap. 163, p. 344; cap. 176, p. 369-370, respectivamente;

5 Idem, *Caminho, Verdade e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. Imp. Brasília: FEB, 2014, cap. 39, p. 94; cap. 115, p. 245 respectivamente;

6 Idem, *Pão Nosso*. Pelo Espírito Emmanuel. 7. Imp. Brasília: FEB, 2014, cap. 1, p. 16; cap. 58, p. 130, respectivamente;

7 Idem. *Vinha de Luz* Pelo Espírito Emmanuel. 6. Imp. Brasília: FEB, 2014. Cap. 74, p. 161; cap. 48, p. 110, respectivamente.

ANTÔNIO CÉSAR PERRI DE CARVALHO

(In: Revista REFORMADOR, da Federação Espírita Brasileira, Março de 2015, de onde fizemos a transcrição com a devida vénia).

*

PAULO DE TARSO

Paulo de Tarso: foste Hércules da palavra
E ao teu trabalho ingente a ideia que fecunda
Se fez torrente audaz que a vida inunda
E a vã idolatria acomete e escalavra.

Cinzelados da fé: bendita a tua lavra
Na cinzelação da alma... A tua acção fecunda
Salvou do sectarismo, onde a verdade afunda,
A ideia do Rabi, que pelo mundo lavra.

No teu carácter d'ouro e na tua alma branca,
Na tua abnegação, tão rudemente franca,
Como num belo grão que tem dentro o gorgulho,

Havia, oculto e firme, um sentimento impuro,
Força do teu valor, base do teu futuro,
Causal do teu triunfo, o teu imenso orgulho!

FERNANDO DE LACERDA

(In: MISTÉRIOS DE ALÉM-TÚMULO, 2ª Parte, 1ª. ed. FEP/2014).

PARA ONDE VAMOS?...

A Doutrina dos Espíritos veio para a transformação do homem – e estas foram palavras que escutámos quase no início da nossa frequência ao Centro Espírita que primeiro frequentámos, na distante Lourenço Marques. E, ao longo dos tempos, contando todos estes anos que já passaram desde aquela época, nós recordamos aquela afirmação para mais e mais nos lembrarmos, talvez, da necessidade de transmitirmos a quem nos escute, aquela *reforma íntima* sem a qual ninguém consegue fazer, por si mesmo, o necessário para se melhorar.

Entretanto, os tempos vão passando, ano atrás de ano, e os frequentadores da nossa Casa como de algumas das outras Casas espalhadas pelo país, parecem ter lido todos pela mesma “cartilha”: a frequência será só para receberem tudo o que pedem ao Alto, não para darem o mínimo de si próprios nem sequer a seu próprio benefício... e, quando queixosos, se aproximam, num desabafo reclamante, porque nada lhes acontece de bom, à primeira pergunta que lhes fazemos : “Tem feito o evangelho no lar?”, vem a resposta, sincera ou evasiva, mas sempre primando pela negativa.

Nunca quase ninguém tem tempo para frequentar as reuniões de estudo ou, se o fazem uma ou outra vez, logo se afastam porque “os temas são muito difíceis, e não percebem nada do que ali se diz”, por muito aliciantes que os mesmos possam ser, inclusive com passagens de filmes relacionados com o trabalho que esteja a ser apresentado... e depois falam: de

bruxaria, do mal que lhes é feito lá fora, das consultas e conversas com familiares desencarnados que nunca se realizam nas nossas Casas.

Se consultarmos o Pentateuco Kardequiano verificamos como estes temas não fazem parte de uma reunião séria, embora encontremos, em “O Livro dos Espíritos” referências a magia branca e magia negra... e quando explicamos a uns e a outros que a sintonia vibratória é muito importante, quando relacionada com a perseguição espiritual, porque os afins procuram-se e encontram-se... “todo o mundo é santo” e ninguém merece o que lhe acontece!

Isto, do lado de alguns dos frequentadores, que vão surgindo e desaparecendo porque o que escutam de ensinamentos durante as palestras não lhes agrada, “saltando de galho em galho” – que é como quem diz, procurando Casas diferentes – até que, eufóricos, acabem por encontrar uma onde se sentem como peixe na água, porque ali tudo funciona à maneira que eles desejam – quer dizer, sem que haja da parte dos dirigentes a preocupação da preservação da pureza da Doutrina.

Isto preocupa-nos. Não significam as nossas palavras que sejamos “doutores do Espiritismo”, nem que sejamos melhores que os outros, mas procuramos preservar a nossa Casa de todas essas “facilidades” que concedidas, a pouco e pouco, acabem por fazer dela uma salada russa onde deixemos de saber onde acaba o espiritismo e comece o espiritualismo. Na dúvida, se dúvida existe para os dirigentes de algumas delas, consulte-se a Federação, peça-se-lhe a frequência de um dos membros da Direcção aos trabalhos que se realizam na Casa para poderem ser orientados.

Vem isto a propósito de já termos ouvido dizer, que os tempos são de crise, também para os Centros Espíritas, e “teremos que facilitar as coisas que se fazem nos Centros para que as pessoas não desapareçam”! Frases como estas levam-nos a uma só pergunta: - Se Jesus, quando veio à Terra para nos ensinar o caminho para o Pai, também tivesse “facilitado as coisas”, as suas palavras teriam chegado até ao HOJE? Não podemos, seja em que circunstância fôr, facilitar ou deturpar a verdade para se conseguirem seguidores – e os dirigentes das Casas Espíritas, como os seus colaboradores serão sempre responsáveis por uma orientação, senão errada pelo menos não tão certa, que transmitirem a quem os escute.

Não nos esqueçamos que, cada um que fale, oriente, aconselhe, pode ser visto como um pai orientando o filho que lhe foi entregue para ser educado e orientado; se, mais tarde, o filho prevarica, face a uma preparação ou educação errada, não é só ele que é responsável mas aquele, também, que sabendo silenciou porque ‘dava muito trabalho ensinar uma criança’! Lembremo-nos que, cada ser, encarnado ou desencarnado, que penetre numa Casa Espírita, é como uma criança a receber as primeiras orientações, sejam elas de sim – sim, ou de não – não. Se necessário, que dirigentes e colaboradores revejam, igualmente, as orientações do Peutateuco para que defendam, melhor e mais afincadamente, a pureza da Doutrina que nos diz de onde viemos, para onde vamos... qual a estação dos nossos destinos!

MANUELA VASCONCELOS

PÁGINAS DO PASSADO

DEUS É INDEFINÍVEL

Várias tentativas de ordem filosófica ou teológica se têm feito para definir o Criador; todas elas, porém, longe de defini-lo, antes terão contribuído para amesquinhá-lo, entenebrecendo por vezes toda e qualquer ideia que a Seu respeito espiritualmente se possa formular.

Várias tentativas – dissemos nós -, mas impropriamente, porquanto algumas escolas têm tido a pretensão de O definir de facto, crendo ter satisfeitas absolutamente todas as aspirações do homem quanto ao conhecimento do Seu Criador; essas definições, entretanto, só têm servido para confundir a noção acerca da Divindade e dar vulto, dar forma e impulso às antagónicas ideias do materialismo e do ateísmo. É que todas elas são, como não podem deixar de ser, deficientes, pois que não há, nem pode haver uma só que não peque na sua precisão e na sua extensão.

De facto, se Deus é, como referem os Evangelhos, puro Espírito, como poderemos defini-lo, estando, como estamos, tão atrasados que ainda não sabemos o que o espírito seja?

Todos nós nos encontramos ainda envoltos na limitação de conhecimentos que possuímos acerca da matéria. E, ainda neste campo, é tal o nosso atraso que ignoramos o que, na sua essência, sejam certos fluídos, como, por exemplo, a electricidade e o magnetismo. Mas, saindo deste campo, não menores dificuldades encontraremos por efeito ainda das nossas

limitações humanas, limitações insuperáveis, visto que somos finitos incrustados nem meio infinito. Como poderá, pois, o continente ser abrangido pelo conteúdo?

Com efeito, quando se pretende definir Deus, furtando-se às dificuldades que o desconhecido gera, julgaram certas escolas consegui-lo, desviando-se das noções relativas à Sua essência, para se firmarem nos Seus atributos.

Segundo a nossa humilde opinião, foram estes, até certo ponto, felizes, visto Lhe terem atribuído qualidades infinitas. Embora, porém, todos esses atributos sejam características de bondade e beleza, não satisfazem integralmente; e tanto não satisfazem que todos quantos assim discerniram, o antropomorfizaram moralmente; e frizamos o termo moralmente, porque alguns, num exagero de vaidade e de orgulho, o antropomorfizaram completamente, pois que chegaram a atribuir-Lhe forma material e humana.

Pondo os últimos de parte, porquanto não merecem, por esse crassíssimo erro, que se perca tempo na crítica desse conceito, pensemos apenas naqueles que definem Deus pelos Seus atributos espirituais e vejamos o que dessa fórmula de definição se poderá concluir.

Sendo infinito em todos os Seus atributos, Deus haverá de ser infinito em toda a acepção da palavra, no seu sentido mais lato, isto é, haverá de ser infinito não só na qualidade desses atributos mas também na sua quantidade.

Quanto à quantidade, quais são os atributos com que se pretende classifica-lo, ou – melhor diremos -, caracterizá-lo?... enfim, defini-lo? Atributos de pura natureza humana.

Assim é que, embora nos cinjamos aos atributos mais elevados, ou, sejam, os do bem e do belo, apenas descobrimos em Deus atributos que caracterizam os homens. E assim, ao atribuímos-lhe tantas características de beleza e de bondade quantas as que se enunciam, cingimo-nos sempre aos nossos sentimentos mais nobres, embora os possuamos em grau variado e infinitamente inferior ao dos Seus.

Há, todavia, quem gravemente peque neste ponto, quando atribui a Deus sentimentos inferiores, quais os da ira e da vingança, que estão em absoluta oposição aos elevados sentimentos do amor, da caridade, e do perdão, da tolerância e da misericórdia, única espécie de sentimentos que pode admitir-se num Espírito de categoria superior, sobretudo quando classificado de Espírito puro.

Podemos, desde já, na nossa despreziosa crítica, eliminar estes últimos, pois que são tão inferiores essas noções, são, enfim, de tal baixaza, - e tão grande que o próprio Cristo fustigou esses sentimentos como impróprios do homem de bem -, são, - dizíamos - tão inferiores e de tal baixaza que não podem, de forma alguma, admitir-se na essência divina.

Entretanto, posto de parte este grupo, ainda não satisfaz também o daqueles que mais da verdade se aproximam, ou seja o dos que, vendo já em Deus essa entidade superior que em Si congloba tudo quanto há de mais poderoso, grandioso e inteligente, Lhe atribuem qualidades de bondade e beleza em potência infinita. Estes mesmo pecam porque não deixam de antropomorfizá-lo, pois que limitam o número de Suas características, como é natural, ao daquelas que o homem em si próprio reconhece. Mas há mais:

“Deus, - assim o definem -, é infinitamente perfeito; é eterno, imenso e infinito; é Senhor soberano e Criador de tudo quanto há criado ou para criar.”

Teremos nós conseguido alcançá-los já a tão vertiginosa altura que possamos compreender o que seja a eternidade e a imensidade, o que seja, numa palavra, o infinito? Não; e, em tais condições, essas características da definição nada esclarecem, nem podem esclarecer, visto ultrapassarem os limites da nossa capacidade intelectual.

Eternidade e imensidade resumem-se e fundem-se na palavra infinito. Ora, perguntamos: o que é o infinito? Saberá alguém dizer ou ajuizar do que seja o infinito?

A este respeito, e a título derivante, poderemos, acompanhando certas ideias modernas que têm pretendido explicar o infinito no campo do finito, apresentar a seguinte imagem do infinito dentro das nossas limitadas faculdades: suponhamos que uma criatura se propõe andar em volta da Terra em sucessivos volteios pelo mundo. Parte dum ponto qualquer, Lisboa, por exemplo; deu a volta ao paralelo ou ao meridiano respectivo e dentro dum certo tempo voltou ao ponto de partida. Mas a sua intenção é caminhar, caminhar sempre; e nessa disposição, chegando a Lisboa continuou a andar, a andar sempre, passando repetidas vezes pelos mesmos pontos sem nunca chegar ao termo da sua jornada.

Esta imagem, que à simples vista, parece resolver o problema proposto, isto é, explicar o infinito dentro de uma forma finita, não deixa, contudo, de ser uma imagem virtualíssima da realidade das coisas, pois que – a não ser sob o ponto de vista do movimento – em cada passagem por Lisboa,

ponto de partida, fica interrompido o curso infinito para ser o que é, ou, seja, finito. E, quanto mesmo ao movimento, será necessário, para que ele seja verdadeiramente a expressão do infinito, que dure eternamente. E perante esta eternidade que se exige para que esse movimento tenha carácter infinito, envoltos no infinito nos encontramos novamente sem sabermos explicá-lo.

Mas, se a noção de infinito é incompreensível para nós, quem poderá garantir que ela não possa ser acessível aos Espíritos que, segundo a Lei do progresso, mais se tenham aproximado de Deus? Não poderão eles, no decurso da sua evolução, chegar a possuir do infinito uma ideia tão nítida como a que nós, na nossa pequenez, formamos acerca do que é finito?

Todavia, para nós que pouco ou nada somos e pouco ou nada valem, o infinito oculta em si noções transcendentais de tal ordem que não existe na Terra quem dele formule um juízo que satisfaça à razão. E, porque assim é, continuará Deus a ser incognoscível e, portanto, indefinível para os habitantes do nosso planeta, visto que, não nos sendo acessível a ideia do infinito, tão pouco podemos compreender o que seja a imensidade e a eternidade.

Deus – diz-se ainda e nisso cremos – é o Criador de tudo quanto há criado e para criar. Ainda aqui se desenha a ideia do infinito e da eternidade. O que é que Deus criou? O que é que tenciona criar? Encontramos aqui o infinito em dois sentidos: um, chamemos-lhe o infinito negativo, no sentido da esquerda, isto é, o que Deus criou; outro, o infinito positivo, no sentido da direita, - o que está para criar.

Conhecemos nós tudo o que Deus criou ou está para criar? Não; nós apenas temos conhecimento do que existe... - do

que existe?! Isso já era saber muito -, apenas temos conhecimento duma mínima parcela do que existe. Embora, pois, tenhamos a noção de que assim seja, de que Deus é o Senhor e Criador de tudo quanto foi, é e será; e embora esta noção seja uma das que se apresenta com maior nitidez ao nosso espírito, ainda assim não é de molde a esclarecer-nos completamente, razão mais do que suficiente para alimentar a ignorância em que vivemos e em que continuaremos a viver... sabe Deus por quantos e quantos séculos ainda.

*

Quanto à qualidade, apenas se distingue Deus do homem, - segundo as definições apresentadas -, pelo grau infinito de todos os Seus atributos, pois que todos eles traduzem sentimentos ou características que a humanidade encontra em si, embora em grau finito e variável de indivíduo para indivíduo. Assim é que o amor, por exemplo, que Deus tributa em grau infinito a tudo quanto é produto de Sua criação, o amor, - dizíamos -, é um sentimento que toda a humanidade conhece.

Haverá quem, perante tantas maldades e endurecimentos de alma, perante tantos ódios e rancores, quais os que desunem a humanidade e que são causa de tantas lutas e dissensões, de tantos crimes e de tantas e tão mal contidas paixões, haverá quem, - vínhamos dizendo -, queira contestar que o amor seja acessível a todas as almas, e que, portanto, todos os homens possam senti-lo para conhece-lo? Esta contestação, porém, obedece, no nosso fraco entender, a uma deficiência analítica no estudo do coração humano.

De facto, é muita a maldade que açoita os habitantes da Terra. A humanidade debate-se num *mare-magnum* de ódios e

rancores, de sentimentos, enfim, do mais baixo quilate. Mas... será isto suficiente para se concluir que o amor não seja sentido por todos? Não; pelo contrário, demonstra não haver criatura alguma que o não conheça, embora o sinta num grau de limitação tal que o dedique única e exclusivamente à sua pessoa. É que todos esses ódios e maldades de que a humanidade enferma, são fundamentalmente a consequência do amor a si próprio, desse sentimento que o egoísta cultiva, mas que nem por isso deixa de ser amor, embora num grau de potencial que poderemos classificar de negativo.

E assim, enquanto o egoísta se ame apenas a si e por isso detesta e odeia os que o cercam, sobretudo quando lhe possam fazer sombra, encontraremos, em escala ascendente, graus sucessivos de amor que, em transições insensíveis, se ampliam até atingir as culminâncias da renúncia e do sacrifício que caracterizam o amor santificado.

Com efeito, enquanto o egoísta se ama a si exclusivamente, encontramos, num degrau um pouco mais elevado, uma segunda forma de egoísmo pela qual o indivíduo limita o seu amor à família; outros, num plano mais elevado do que o anterior, abrangem no seu amor a todos os parentes, mas daí não passam; e, nesta gama ascendente e sob forma cromática, pois que, a cada um dos grupos que vamos definindo, se interpõem outros que ao conjunto imprimem o cunho da continuidade, nesta gama ascendente, - dizíamos -, vamos encontrar os que amam todos aqueles com quem estão relacionados, os que amam não só os seus amigos, mas também os seus inimigos, os que abrangem, enfim, no mesmo amor todos os seus semelhantes, e, num plano mais elevado ainda, os que amam todos os produtos da Criação que estejam ao seu alcance.

São estes, os do último grupo, os que real e verdadeiramente amam a Deus.

O amor, entretanto, oferece-se-nos ainda com certas modalidades que entendemos não dever deixar no olvido. Queremos referir-nos à maneira como o amor é interpretado, sendo sob este aspecto que melhor se estabelecerá a diferença entre o amor finito e o amor infinito.

Admitamos por um momento que nos fosse possível abraçar no mesmo amor toda a Criação. Quem tal dom possuísse, quem houvesse conseguido alçar-se a tal altura, aparecer-nos-ia à primeira vista nivelado, quanto a este atributo, com o próprio Deus; mas... seria assim, ainda mesmo quando se conseguisse subir tanto?

Não, porque, por mais que o homem se limpe de defeitos, nunca deixará de possuir algum, o qual, por mais insignificante que seja, é suficiente para desvalorizar o seu amor, por maior que haja sido o grau a que se elevou.

Existe, pois, no que respeita ao sentimento do amor, - e o que se diz do amor pode dizer-se de todos os atributos que n'Ele concebemos -, uma incomensurável diferença entre Deus e a criatura. Mas, admitindo que conseguíssemos apreender bem os Seus atributos em toda a sua extensão qualitativa, bastaria isso para podermos defini-Lo sem amesquinhá-Lo? Não, porque assim como são de valor infinito as qualidades dos Seus atributos, também estes haverão de ser infinitos no número, devendo Deus, portanto, possuir atributos de beleza que nos sejam absolutamente desconhecidos, atributos de que não poderemos formar a mais pequena ideia. Como, pois, definir

Deus perante a ignorância que a nossa limitação e a nossa pequenez não conseguem vencer?

Como vemos, somos forçados a limitar os atributos de Deus àqueles que nos são acessíveis; e, embora lhes concedamos valor infinito, valor que, de resto, a nossa inteligência não concebe com nitidez, nem por isso deixamos de amesquinhá-Lo, visto que o definimos incompletamente, - o que equivale a dizer que O não sabemos definir, que não O definimos, enfim.

Deus, pois, embora possa ser sentido por todos, quando concentrado o espírito, o adaptamos a receber as Suas emissões de bondade e amor; embora a nossa intuição nos revele a Sua existência e a magnitude da Sua obra no-La confirme; Deus – dizíamos -, mantém-se-nos oculto pelo nosso atraso e pela nossa ignorância, motivo pelo qual continuaremos a desconhece-Lo na Sua essência e grandeza, o que inteiramente nos retira qualquer possibilidade de defini-Lo. Contentemo-nos, pois, com a simples crença na Sua existência... e já teremos caminhado bastante.

A. D. PRATAS - (Dr.)

(In: Revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas, nº. 78, Setembro/Outubro de 1937).

*

Vós credes que a mente se define, e ela apenas dormita para despertar vigorosa ao sol da eternidade, que rompe atrás do sepulcro. – Alexandre Herculano.

*

SÚPLICA

Atende-me, Jesus, ouve o que eu quero
Sob a dor que me aperta como um cinto
De pontas d' aço, em fogo nunca extinto
Que em mim se cravam num furor extremo!

Queixando-me, ó Jesus, sei que blasfemo!...
Mas como hei-de ocultar-te se não minto?
É bom saber, Senhor, o que é que sinto
Neste transe de dor, cruel, supremo?

Tu sabes bem que nunca amei a vida
Que me tem sido aspérrima, dolorida,
Estância em que o malogro me tortura!

E não posso nem fugir-lhe p'la morte!
Faz, para aceitá-la, eu seja forte,
Ou afasta o meu cálix de amargura!

FERNANDO DE LACERDA

(In MISTÉRIOS DE ALÉM-TÚMULO, 2ª Parte, 1ª ed.
FEP/2014)..

SACUDIR O PÓ

“E se ninguém vos receber, nem escutar as vossas palavras, saindo daquela casa ou cidade, sacudi o pó de vossos pés. – JESUS - (Mateus, 10:14).

Os próprios discípulos materializaram o ensinamento de Jesus, sacudindo a poeira das sandálias, em se retirando desse ou daquele lugar de rebeldia ou impenitência. Todavia, se o símbolo que transparece da lição do Mestre estivesse destinado apenas a gesto mecânico, não teríamos nele senão um conjunto de palavras vazias.

O ensinamento, porém, é mais profundo. Recomenda a extinção do fermento doentio.

Sacudir o pó dos pés é não conservar qualquer mágoa ou qualquer detrito nas bases da vida, em face da ignorância e da perversidade que se manifestam no caminho de nossas experiências comuns.

Natural é o desejo de confiar a outrem as sementes da verdade e do bem, entretanto, se somos recebidos pela hostilidade do meio a que nos dirigimos, não é razoável nos mantenhemos em longas observações e apontamentos, que, ao invés de conduzir-nos a tarefa a êxito oportuno, estabelecem sombras e dificuldades em torno de nós.

Se alguém te não recebeu de boa vontade, nem te percebeu a boa intenção, por que a perda de tempo em sentenças acusatórias? Tal atitude não soluciona os problemas espirituais.

Ignoras, acaso, que o negador e o indiferente serão igualmente chamados pela morte do corpo à nossa pátria de origem? Encomenda-os a Jesus com amor e prossegue, em linha recta, buscando os teus sagrados objectivos. Há muito por fazer na edificação espiritual do mundo e de ti mesmo. Sacode, pois, as más impressões e marcha alegremente.

EMMANUEL

(In livro mediúnico PÃO NOSSO, psicografia do médium brasileiro Francisco C. Xavier; capítulo 71. Edição FEB).

*

CURIOSIDADE... ou talvez não!

Estudo de Harvard classifica o Flúor como uma neurotoxina. A principal causa de TDAH (transtorno do deficit de atenção e hiper-actividade) e autismo em crianças podem ser os produtos químicos escondidos à espreita nos alimentos que comemos, a água que bebemos e os produtos que consumimos, diz um novo estudo publicado na revista *The Lancet*.

Pesquisadores da “Escola de Saúde Pública de Harvard” (HSPH) e da “Escola de Medicina Icahn”, no Monte Sinai (ISMMS) constataram que, entre outras coisas, os produtos químicos do fluor, adicionado a muitos sistemas públicos de água na América do Norte, contribuem directamente para ambos os transtornos mentais e comportamentais em crianças.

Com base em pesquisa anterior, publicada em 2006, que *colocou o fluor como um neurotóxico de desenvolvimento*, a nova revisão inclui uma meta-análise de 27 estudos adicionais sobre o fluor, a maioria dos quais eram da China, que ligava a substância química com QIs reduzidos em crianças. *Após análise minuciosa, foi determinado que o fluoreto impede o desenvolvimento adequado do cérebro e pode levar a transtornos do espectro do autismo, dislexia, TDAH e outras condições de saúde, uma “epidemia silenciosa” que muitas autoridades de saúde tradicionais continuam a ignorar.*

De acordo com os dois principais pesquisadores envolvidos no estudos, Philippe Grandjean, de Harvard, e Philip Landrigan, a incidência de transtornos de neuro-desenvolvimento relacionados a produtos químicos dobraram nos últimos sete anos, de seis para doze. A razão para isto é que um número crescente de produtos químicos, em sua maioria não testados, estão sendo aprovados para uso sem o público ser informado onde e em que quantidades esses produtos químicos estão sendo utilizados.

Desde 2006, o número de produtos químicos conhecidos por danificar o cérebro humano de modo mais geral, mas que não são regulamentados para proteger a saúde das crianças, tinha aumentado de 202 para 214, - escreve Júlia Medew, para o jornal ‘The Sidney Morning Herald’. Os pesquisadores disseram que isso pode ser apenas a ponta do iceberg, porque a grande maioria dos mais de 80.000 produtos químicos industriais largamente utilizados nos Estados Unidos, nunca foram testados para se saber dos seus efeitos tóxicos sobre o feto ou a criança em desenvolvimento.

(Notícia recebida e transcrita via internet, em 30/06/2015).

APENAS... UMA MÃE

**O DIA DA MÃE DE TODAS
AS MÃES**

Olho a neve que cobriu

Os fios de ouro do teu cabelo
E vejo como o Tempo abriu
O seu novelo
Para nos fazer viver...
Enquanto eu crescia e aprendia
O peso dos anos curvava-te sempre mais!
Os olhos lindos, onde o amor
Sempre encontrei,
Têm agora laivos de dor
Que o riso não disfarça.
E por mais que faça,
As rugas que fizeram caminhos
No teu rosto,
Não desaparecem com os carinhos
Que te dou... e gosto!
Mãe... minha Mãe!
Quantos não têm uma Mãe para amar,
Acarinhar... com quem falar!
Sê sempre a Mãe de todas as criaturas
Que não a têm,
Porque a perderam ou foram rejeitadas,
E deixa que quando me sinta afagada
Partilhe esses gestos de amor
Com aqueles que o desamor
Deixou sós no mundo!
Beijo-te as mãos, neste dia,
Em que com infinda alegria
Eu te chamo MINHA MÃE!
Possa o Senhor satisfazer
O meu desejo de te ver
Quando a Terra, enfim, deixar...
... Porque tu sabes: onde estiveres
- No teu jeito de me amar -

No carinho que me deres,
Sempre estará o meu lar!

MANUELA VASCONCELOS

*

A MAGIA DO BEM

Saturados pelas notícias perturbadoras de violência, suborno e crimes de toda a espécie, anelamos por encontrar exemplos dignificadores que nos possam servir de alento e sentido existencial, a fim de podermos prosseguir acreditando nos valores ético-morais em total desconsideração. A volúpia do prazer e do vale-tudo, a cada dia arrebanha maior número de fiéis seguidores, atormentados pelos desejos de ter e do brilhar, mesmo que sob o elevado preço da perda da dignidade e do respeito por si mesmo, em consequência, pelas demais pessoas.

A ausência de líderes portadores de títulos de honradez e de trabalho digno, dá lugar ao brilho de personalidades psicopatas, exóticas, que se celebrizam pela estranheza da conduta e da agressividade, em descida a níveis de desequilíbrio jamais vistos na história da humanidade. Apesar de desconhecidos, existem mulheres e homens extraordinários que acreditam no bem e o praticam, sem deixar-se perturbar pela algazarra e loucura dos excêntricos e atormentados, que proclamam a necessidade do gozo acima de todas as circunstâncias.

Passados os momentos da glória enganosa e do gozo transitório, logo despertam os iludidos, tomados pelo vazio

existencial, enfrentando a consciência e deixando-se tombar em outras buscas infelizes: alcoolismo, tabagismo, droga, sexo em desalinho, descendo cada vez mais em direcção ao poço sem fundo onde passarão a jazer sem vitalidade. É indispensável que nos voltemos para o amor, conforme assevera a Dra. Elisabeth Lucas, eminente discípula do psiquiatra Victor Frankl, que informa “ser a finalidade da vida a sua conquista”.

Sem dúvida, a palavra encontra-se muito desgastada e confundida; no entanto, podemos identifica-la na acção do bem indiscriminado, cuja magia é proporcionar a felicidade integral ao ser humano, vinculando-o à consciência cósmica. Ninguém pode viver consciente da sua realidade sem o amor, cuja falta enlouquece e que se torna realidade somente pela prática do bem.

DIVALDO FRANCO

(Artigo publicado no Jornal brasileiro ‘A Tarde’, coluna ‘Opinião’, em 26/2/2015, tendo-nos sido enviado por um dirigente espírita).

*

JOÃO HUSS

Filho de pais pobres, natural de Husinetz, na Boémia, onde nasceu em 1369.

Aluno gratuito do colégio de Praga, bem cedo nasceu nele o gosto pelos livros antigos, perdendo-se na leitura de histórias de santos e mártires da Igreja Católica.

Uma vez meteu a mão no fogo e, enquanto a mãe, aflita, o afastava, ele explicou que queria experimentar até que ponto seria capaz de suportar o martírio das torturas.

Na Boémia do século XIV havia igualdade de cultura, pelo que ele pôde preparar-se para o sacerdócio, entrando para a Universidade, ainda em Praga, onde lhe foi concedido o grau de Mestre em Artes, sendo inscrito na Faculdade com o título de Magister.

Aos 35 anos já ensinava, aceitara a ordenação de sacerdote e era Reitor da Universidade. Fizera-se por si próprio e escrevia tratados sobre questões religiosas.

Continuava um homem simples, sem esquecer que viera do povo.

Dirigiu o culto na capela de Belém, em Praga, onde as orações eram ditas na língua do País e não em latim, e onde ele pregava contra a super estrutura económica da Igreja, que se afastava dos fundamentos simples da religião do Cristo, afirmando que, para o clero viver ricamente, era o povo sacrificado nos tributos que lhe sacavam!

No meio podridão que revelava, descobriu, um dia, um ser correcto: John Wycliffe, doutor em Teologia de Oxford, cujos livros haviam chegado a Praga... esses mesmos livros que fizeram com que fosse apontado como herege. De sobre-aviso, João Huss iniciou a leitura daqueles livros, e, quanto mais lia, mais se maravilhava com o que a leitura lhe revelava: aquelas obras denunciavam os pôdres dos homens corruptos, que viviam à sombra da Igreja e a representavam e sugeriam que, em vez das palavras do sacerdote, fossem adaptadas as palavras da Escritura, traduzindo-se a Bíblia nos idiomas nacionais de todos os povos católicos, para que a palavra do Cristo não fosse deturpada! Huss, reconhecendo que Wycliffe o que pedia nos seus livros era a expulsão dos vendilhões do Templo, passou a ler publicamente aqueles livros, não só à sua congregação como aos alunos da Universidade, decidindo que dedicaria a sua vida àquela tarefa.

Nesse intervalo, o arcebispo de Praga mandou que todos os livros de John Wycliffe fossem queimados. Na revolta que tal ordem criou, João Huss manifestou-se contra aquilo a que chamou “queimar o pensamento humano”, declarando que as chamas não destroem a verdade e que os livros queimados eram uma perda para a não inteira. Perda essa que se transformou em ganho, pois por aquela atitude formou-se um partido empenhado na reforma da Igreja, sendo João Huss o coração da nova reforma.

A população checa, na qual se incluíam os senhores mais poderosos do País, incluindo os barões do reino, o rei e a rainha, acorriam a ouvir o compatriota... mas bem cedo, pressionados por Roma, a família real o deixou de apoiar.

Preocupado com as manifestações que surgiram, e nas quais a guarda matou três estudantes, não concordando com a

violência que se impunha para fazer vingar o poderio religioso, Huss abandonou a cidade e regressou à aldeia natal. Era um homem simples, inspirado pela palavra do Senhor, e assustado com a brutalidade do homem...

Começou, então, a pregar de aldeia em aldeia, e a escrever declarando que “os livros dos hereges não devem ser queimados mas lidos e examinados; senão, como chegar à verdade?”

Mas os ecos da sua conduta chegaram até ao Papa, que perguntou quem ele era... e tiveram de responder, pois outra verdade não havia, que “era reservado e austero... a sua vida e procedimento, um exemplo de abnegação, e tão afastado do vício que ninguém lhe podia apontar fosse o que fosse contra ele... A presteza em socorrer, até o mais humilde, ganha-lhe mais adeptos que a própria eloquência. Os ignorantes vêem nele um santo...”

De Roma, partiu uma ordem de excomunhão: “onde quer que João Huss estivesse, estava proibido de celebrar missa, batizar crianças ou enterrar os mortos.”

Em consequência da perseguição de que era alvo, os amigos pediram-lhe que desistisse, ao que se negou: em criança pusera a mão no fogo para experimentar a sua coragem... continuaria, ainda que o queimassem vivo! E nos seus sermões passou a encontrar-se a ironia e desafio contra os cegos dirigentes da Igreja, que adoravam os mortos e perseguiram os vivos!

A novo conselho dos amigos para desistir, afirmou que se o fizesse seria um traidor no dia do Juízo Final!

Finalmente, foi convocado para comparecer perante um Concílio Geral da Igreja, na cidade suíça de Constança, para se defender da acusação de heresia. Ainda contra a vontade dos amigos, partiu em cumprimento da ordem recebida, levando um salvo-conduto passado pelo Imperador e uma escolta pessoal de dois cavaleiros, aguardando em Constança a chegada do Imperador para o julgamento. Sem poder falar ao povo, como desejava, devido à excomunhão, devia agir, enquanto aguardava o Concílio, apenas como um leigo obscuro.

Procurado pelo bispo de Augsburgo e o Perfeito da cidade, foi informado que o Papa e um grupo selecto de Cardeais se haviam reunido para uma troca de ideias, convidando-o a comparecer em carácter privado. Declarando que fora a Constança para falar num julgamento público e não em privado, seguiu-os, entretanto, para comparecer à audiência, tendo sido encarcerado. O convite fora, apenas, uma armadilha, na qual ele acabara por cair!

Um dos amigos que o acompanhara àquela cidade suíça, barão de Chlum, apresentou o salvo-conduto do Imperador e pediu a sua libertação... Correu às ruas a contar ao povo o sucedido, mas fora posto a correr o boato de que João Huss, com medo de enfrentar o julgamento, se escondera e fugira, e o povo desinteressou-se de Huss! O barão dirigiu-se ainda ao imperador, ao rei, à rainha... mas a Igreja afirmara que João era um herege e eles desinteressaram-se do prisioneiro, que foi transferido da cadeia local para Constança, para um Mosteiro nas margens do lago. Acorrentado e encarcerado na adega húmida, deitado num monte de palha, grande febrão o pôs à morte mas, constando o seu estado, logo dois bispos surgiram para o julgarem, aos quais ele pediu um advogado que o defendesse pois, no estado em que se encontrava, não se sentia em condições

de o fazer, embora estivesse pronto a submeter-se a julgamento, com a ajuda de Deus.

Transmitido o pedido ao Concílio, transferiram-no para uma prisão mais limpa e chamaram um médico, para que o conservasse vivo até ao julgamento! O advogado foi-lhe negado, porque era proibida qualquer conversa com um suspeito de heresia.

Por fim, meses depois, o julgamento. Tinham passado seis anos que fôra excomungado pelo Papa Alexandre V, e dois que fôra chamado a julgamento, em Constança! João Huss era acusado de ensinar ao povo boémio “vários erros extraídos dos livros queimados e condenados de John Wycliffe. Como professor, organizara um movimento para subtrair a Universidade à influência alemã e convertê-la numa instituição nacional checa. Incitara o povo boémio contra os seus senhores, atijando a rebelião civil na Boémia.”

Defendendo-se, ele respondeu apenas que “apelava para Deus e para a sua consciência. Fossem eles (os julgadores) infinitamente mais numerosos e ele teria ainda muito mais em conta a sua consciência. Nem quando o próprio imperador o convidou a desdizer-se, João Huss modificou a sua atitude, pedindo, apenas, que o levassem de volta à prisão – prisão onde lhe foram falar, tentando persuadi-lo a desmentir-se, fazendo-lhe promessas de perdão e riquezas... ameaçando e redigindo diversas formas de confissão, para que ele assinasse uma! Huss sorria: ele lutava, não contra a Igreja mas contra um princípio, pelo qual lhe valiam a pena o sofrimento e a morte... e quando entenderam esgotadas todas as formas de persuasão, levaram-no ao Concílio para ouvir a sentença, dita solenemente pelos julgadores: “o corpo do pecador será destruído!”

Amarrado a um poste de madeira com uma corrente de ferro, mesmo assim conseguiu ajoelhar-se e orar enquanto os fardos de palha, que o rodeavam, irrompiam em chamas. Corria o ano de 1415 quando João Huss desencarnou, queimado na fogueira a que o condenaram os homens que ele desmascarara e que serviam a Deus para, à sombra d'Ele, procurarem o luxo, o ouro, a luxúria...

.....
Allan Kardec... João Huss... Léon Hippolyte Dénizard Rivail... Três nomes, três vivências diferentes... um único e mesmo Espírito, eterno e imortal, caminhando ao longo dos séculos à procura da Perfeição, sempre mais próximo de Deus!

(Baseado na biografia incluída no livro nº. 10 – Vidas de Grandes Religiosos -, da autoria de Henry Thomas e Dana Lee Thomas – Coleção Vidas Célebres da edição Livros do Brasil – Lisboa.

MANUELA

(Transcrito do nº. 5 da nossa revista COMUNHÃO, de Março de 1982).

*

PÁGINAS DO PASSADO

ANTERO DE QUENTAL

Este grande Espírito a quem o Doutor Sousa Martins classificou de alienado de grandes visões, foi quem mais preocupou a minha mocidade. Os seus admiráveis sonetos, se bem que impregnados de Dor e Pessimismo, foram lidos e relidos por mim no maior recolhimento. Lia neles a Ansiedade de uma alma desejosa de conhecer a razão e o porquê da Vida e do Destino assinalado para toda a criatura humana.

Antero de Quental, sobretudo, debatia-se na Dúvida. Alternadamente era um crente e descredo e isso desorientava os meus dezoito anos de maneira extraordinária e inquietante... Depois do PSALMO:

Esperemos em Deus.....

.....

.....

Oh! Deus, meu Pai e abrigo.....

vinha essa terrível e segunda parte de DISPUTA EM FAMÍLIA:

Mas o velho tirano solitário
De coração austero e endurecido,
Que um dia, de enjoado ou distraído,
Deixou matar seu filho no Calvário,

Repito: isto desorientava-me... E foi, talvez, por estes e outros arrancos, que o Doutor Sousa Martins o classificou de desorientado, o que foi injustiça.

Ao malogrado Poeta me referi no meu livro O REI DOM CARLOS I, e nele confessei o meu culto pelo vate que tanto e tanto sofreu pela sua amargurada ansiedade de querer conhecer a Verdade... As suas vistas eram largas e ele entreviu-a...

Conheceria ele a doutrina Espírita que o levou a compor um admirável soneto que eu reputo revelação; ou ditá-lo-ia seguindo a sua luz interior?... Não sei se algum confrade já o assinalou à nossa grande família Espírita. O que é facto é que essa composição poética manifesta uma inspiração que está dentro do quadro da mística do Espiritismo.

Poderão os tais chamados *espíritos fortes* capitular a minha ideia de absurda... ou mesmo de opinião mais contundente. Aí fica reproduzido o admirável soneto que foi dedicado ao Doutor Santos Valente, autêntico valor literário do qual pouco se fala, o que reputo uma grande injustiça.

EVOLUÇÃO

Fui rocha, em tempo, e fui, no mundo antigo
Tronco ou ramo na incógnita floresta...
Onda, espumei, quebrando-me na aresta
Do granito, antiquíssimo inimigo...

Rugi, fera talvez, buscando abrigo
Na caverna que ensombra urze e giesta,
Ou, monstro primitivo, ergui a testa
No limoso paúl, glauco pacigo...

Hoje sou Homem – e na sombra enorme
Vejo, a meus pés, a escada multiforme
Que desce, em espirais, na imensidade...

Interrogo o Infinito e às vezes choro...
Mas estendendo as mãos no vácuo, adoro
E aspiro unicamente a Liberdade!...

Quem conhece o *Génesis segundo o Espiritismo*, e o tem meditado, nota claramente que há uma flagrantíssima revelação do espírito Antero de Quental... Foi dito e repetido pelos nossos irmãos idos deste mundo, que passamos pelos quatro estados: mineral, vegetal, animal e humanal. Não pode a mente humana abarcar os meios de transição para os diferentes estados, porquanto necessário é que, a pouco e pouco, sejamos inteirados da Evolução, após o preparo que tem de ser lento, cauteloso e graduado.

Antero pressentiu o nosso génesis pessoal com a sua visão... Evidentemente ele foi um espírito de largas vistas, porém atormentado pela Dúvida... Os seus sonetos são a própria biografia... Ele viveu numa agonia constante e não pôde suportar a grilheta... talvez a expiação pela falta de crença...

Tu que não crês, nem amas, nem esperas,
Espírito de eterna negação...

Como ele sofria!... E, todavia, Antero, o *Santo Antero*, não negava... E certo dia, num momento de revolta ou de desânimo, deixou-nos... para, segundo ele presumia, não mais sofrer!...

Foi o contrário... No mundo real, no *verdadeiro*, ele continuou sofrendo, até que a luz iluminou aquele grande espírito que acabou descansando o seu amantíssimo coração,

Na mão de Deus, na sua mão direita...

JÚLIO DE SOUSA E COSTA,

de Barquinha. Transcrito da revista ALÉM, da Sociedade Portuense de Estudos Psíquicos, de Novembro/Dezembro de 1943).-

*

APELO

Se nos dispusermos a olhar o contexto social geral, por alguns instantes, com apurada atenção, identificaremos aspectos comportamentais muito graves, alguns dos quais somos copartícipes, mesmo que inconscientemente.

Vejamos, por exemplo, em nome do descanso e da distração, os seriados de maior audiência na TV que assistimos, alguns se sustentando no ar por vários anos, cujos temas recorrentes são vampiros, zumbis e todos os demais personagens aterrorizantes, incluindo-se assassinos em série, assassinos de aluguel, tendo, ainda, por pano de fundo o também grave problema das drogas.

Um outro comportamento comum entre os jovens, também em nome da distração, da curtição de final de semana nas baladas: a bebida alcoólica e suas misturas alucinantes, sem falarmos de outras drogas.

Os comprometimentos negativos na área sexual, nas mais variadas faixas etárias, se faz cada vez mais presente no dia a dia e mais escancarado, propalado, como se positivo fosse, pelas mídias, e vem cantado em prosa e verso, incutindo na mente popular que esse é o padrão comportamental a ser adoptado por

todos, o que gera um efeito devastador aos reais padrões morais, nas famílias, nos lares.

Há muito mais que serviria de exemplo, infelizmente. A sociedade somos todos nós, onde interagimos segundo a bagagem moral que temos.

Com essa bagagem vivemos no contexto familiar, no ambiente do trabalho profissional, na sociedade, enfim.

E a bagagem moral de cada um foi ou vem sendo adquirida inicialmente no meio familiar e, de modo também muito intenso, com a contribuição das escolas.

Ao Espírito Benfeitor Emmanuel, guia espiritual do notável trabalho de Francisco Cândido Xavier na Terra, foi perguntado:

- Qual a melhor escola de preparação das almas reencarnadas, na Terra?

Emmanuel assim respondeu: *- A melhor escola ainda é o lar, onde a criatura deve receber as bases do sentimento e do carácter. Os estabelecimentos de ensino, propriamente do mundo, podem instruir, mas só o instituto da família pode educar. É por essa razão que a universidade poderá fazer o cidadão, mas somente o lar pode edificar o homem (...).* (O Consolador, pergunta 110).

Ora, sendo a sociedade o reflexo do que é o homem e sendo o homem o reflexo do que é a família, há de se convir, sem necessidade de muita argumentação, que é preciso refazer-se o lar, as bases morais estruturais da família, com urgência.

E nessa empreitada, homens e mulheres devem somar forças em seu benefício.

O magistral Khalil Gibran, em seu poema *O casamento* (in *O Profeta*), canta:

ALMITRA falou de novo e disse:

-Mestre, que pensais do casamento?

Ele respondeu, dizendo:

- Nascestes juntos, juntos ficareis para sempre. Ficareis juntos quando as asas brancas da morte dispersarem os vossos dias.

Sim, ficareis juntos até na silenciosa memória de Deus.

Mas que haja espaço na vossa comunhão; e que os ventos do céu dance no meio de vós.

Amai-vos um ao outro, mas não façais do amor um empecilho; seja antes um mar vivo entre as praias das vossas almas.

Enchei cada um o copo do outro, mas não bebais por um só copo.

Partilhai o pão, mas não comeis do mesmo bocado.

Cantai e dançai juntos, sede alegres; mas permaneça cada um sozinho, como estão sozinhas as cordas do alaúde enquanto nelas vibra a mesma harmonia.

Dai os vossos corações, mas não os confieis à guarda um do outro. Porque só a mão da Vida pode conter os vossos corações.

Mantende-vos juntos, mas nunca demasiado próximos; porque os pilares do templo elevam-se, distanciados, e o carvalho e o cipreste não crescem à sombra um do outro.

Nas letras desse canto suave de Gilbran, aprendemos que homens e mulheres formam, individualmente, um conjunto de

forças, tão mais fortes quanto mais coesos, harmônicos e homogêneos forem os ideais, o carácter de cada um.

Leccionam os Benfeitores da Humanidade em *O Livro dos Espíritos*:

819 – *Com que fim mais fraca fisicamente do que o homem, é a mulher?*

“Para lhe determinar funções especiais. Ao homem, por ser o mais forte, os trabalhos rudes; à mulher, os trabalhos leves; a ambos o dever de se ajudarem mutuamente a suportar as provas de uma vida cheia de amargor.”

821 – *As funções a que a mulher é destinada pela Natureza terão importância tão grande quanto as deferidas ao homem?*

“Sim, maior até. É ela quem lhe dá as primeiras noções da vida.”

Às mulheres, em especial, e aos homens, o nosso apelo: retornem aos seus lares, voltem-se à educação dos filhos, deem sua essencial contribuição na reestruturação da família. Exemplifiquem, empenhem-se, persistam.

Também para essa missão, contem com a excelência dos ensinamentos espíritas em seu apoio, em seu auxílio, como roteiro de luz a ser seguido.

Na sua grandiosa tarefa de cristianização, essa é a profunda finalidade do Espiritismo evangélico, no sentido de dominar a consciência da criatura, a fim de que o lar se refaça e novo ciclo de progresso espiritual se traduza, entre os homens, em lares cristãos, para a nova era da Humanidade. (O Consolador, pergunta 110).

Pais, mães, educadores em geral, lembremo-nos dos ensinamentos: *Educa e transformarás a irracionalidade em inteligência, a inteligência em humanidade e a humanidade em angelitude. Educa e edificarás o paraíso na Terra.*

São palavras de Emmanuel (Fonte Viva, cap. 30, psicografia de Francisco Cândido Xavier), fundamentando o apelo que o mundo nos dirige hoje.

Sejamos todos mais proactivos na construção de dias melhores, começando com nossa reeducação, outro desafio de urgência.

(In Editorial do Jornal MUNDO ESPÍRITA, da Federação Espírita do Paraná, de Junho de 2014, de onde o transcrevemos com a devida vénia).



SEMPRE ESPERAR

Que estranha sina a minha, nesta vida!
Esperar... esperar... sempre esperar!
Ver ante mim a coisa apetecida
Fugindo sempre... sempre a negaçar!

Caminhar por intermínua subida
Da qual o fim se afasta ao meu chegar
E quando um dia a creio já vencida

De novo ela se alonga ao meu olhar!

É meu viver constante correria
Após a imagem vaga e fugidia
Da esperança a sorrir-me em tentação...

E se quero parar, fugir, deixá-la,
Sinto-me violentado a acompanhá-la
Por força do Desejo ou da Ambição.

FERNANDO DE LACERDA

1865-1918

*

MENSAGEM DE FRANCISCO DE ASSIS

O Calvário do Mestre não se constituía tão somente de secura e asperezas, visto que do monte pedregoso e triste jorravam fontes de água viva que dessedentaram a alma dos séculos... E as flores que desabrocharam no entendimento do ladrão e na angústia das mulheres de Jerusalém atravessaram o

tempo, transformando-se em frutos abençoados de alegria no celeiro das nações.

Colhe as rosas do caminho no espinheiro dos testemunhos... Entesoura as moedas invisíveis do amor no templo do coração! Retempera o ânimo varonil, em contacto com o rocio divino da gratidão e da bondade... Entretanto, não te detenhas: caminha, pois é necessário ascender... Indispensável o roteiro da elevação, com o sacrifício pessoal por norma de todos os instantes.

Lembra-te: Ele era sozinho! Sozinho anunciou e sozinho sofreu... Mas, erguido em plena solidão, ao madeiro doloroso por devotamento à humanidade, converteu-se em Eterna Ressurreição.

Não tomes outra directriz, senão a de sempre: descer auxiliando, para subir com a exaltação do Senhor! Dar tudo, para receber com abundância. Nada pedir para nosso *EU* exclusivista, a fim de que possamos encontrar o glorioso *Nós* da vida imortal.

Ser a concórdia para a separação... Ser luz para as sombras, fraternidade para a destruição, ternura para o ódio, humildade para o orgulho, bênção para a maldição...

Ama sempre...

É pela graça do Amor que o Mestre persiste connosco (os mendigos dos milénios), derramando a claridade sublime do perdão celeste onde criamos o inferno do mal e do sofrimento.

Quando o silêncio se fizer mais pesado ao redor de teus passos, aguça o ouvido e escuta! A voz d'Ele ressoará de novo na

acústica da tua alma e as grandes palavras, que os séculos não apagaram, voltarão mais nítidas ao círculo de tua esperança, para que tuas feridas se convertam em rosas e para que teu cansaço se transubstancie em triunfo.

O rebanho aflito e atormentado clama por refúgio e segurança.

Que será da antiga Jerusalém humana sem o bordão providencial do Pastor que espreita os movimentos do Céu para a defesa do aprisco?!

É necessário que o lume da cruz se reacenda, que o clarão da verdade fulgure novamente, que os rumos da libertação decisiva sejam traçados...

A inteligência sem amor é o génio infernal que arrasta os povos de agora às correntes escuras e terrificantes do abismo.

O cérebro sublimado não encontra socorro no coração embrutecido.

A cultura transviada da época em que jornadeamos, relegados à aflição, ameaça todos os serviços da Boa Nova, em seus mais íntimos fundamentos.

Pavorosas ruínas fumegarão, por certo, sobre os palácios faustosos da humana grandeza, carente de humildade, e o vento frio da desilusão soprará de rijo sobre os castelos mortos da dominação que, desvairada, se exhibe, sem cogitar dos interesses imperecíveis e supremos do Espírito.

É imprescindível a ascensão!...

A luz verdadeira procede do Mais Alto e só aquele que se instala no plano superior, ainda mesmo que coberto de chagas e roído de vermes, pode, com razão, aclarar a senda redentora que as gerações enganadas esqueceram.

Refaz as energias exauridas e volta ao lar de nossa comunhão e de nossos pensamentos. O trabalhador fiem persevera na luta santificante até ao fim.

O farol no oceano irado é sempre uma estrela em solidão. Ilumina a estrada, buscando a lâmpada do Mestre que jamais nos faltou.

Avança. Avancemos!...

Cristo em nós, connosco e por nós e em nosso favor é o Cristianismo que precisamos reviver à frente das tempestades, de cujas trevas nascerá o esplendor do Terceiro Milénio.

Certamente, o apostolado é tudo. Mas a tarefa transcende o quadro de nossa compreensão: não exijamos esclarecimentos; procuremos servir...

Cabe-nos apenas obedecer até que a glória d'Ele se entronize para sempre na alma flagelada do mundo.

Segue, pois, o amargurado caminho da paixão pelo bem divino, confiando-te ao suor incessante pela vitória final.

O Evangelho é o nosso Código Eterno. Jesus é o nosso Mestre Imperecível!

Subamos em companhia d'Ele no trilho duro e áspero.

Agora é ainda a noite que se rasga em trovões e sombras, amedrontando, vergastando, torturando, destruindo... Todavia, Cristo reina e amanhã contemplaremos o celeste despertar.

FRANCISCO DE ASSIS

(Mensagem recebida por Francisco C. Xavier no lar do Dr. Rómulo Joviano, em Pedro Leopoldo, Minas Gerais, em 17/08/1951, e publicada no jornal MUNDO ESPÍRITA, da Federação Espírita do Paraná, Brasil, em Fevereiro de 2005, de onde a transcrevemos com a devida vénia).

*

ADVERTÊNCIA DE AMOR

Fala-nos, o Evangelho do Senhor, que nos futuros dias por Ele previstos, a dor ganhará dimensões inimagináveis, arrastando multidões ao abismo, ao desespero, fazendo que o delírio e o desequilíbrio aturdissem a Humanidade.

Na simbologia profética, Ele caracterizou as horas terríveis, vestindo-as de alegorias.

Vivemos hoje esses dias prometidos, sem nenhum retoque nem disfarce.

Anunciam-se as horas graves da transformação dos homens, da mudança vibratória do planeta.

Ninguém se engane ou engane a outrem.

Clareados pela razão da fé espírita, tenhamos a lucidez do discernimento, a perseverança da convicção e a coragem de porfiar fiéis até ao fim.

O martirológico prossegue actual; o circo aumentou as suas dimensões; o suplício variou de forma, porém os testemunhos à verdade, ao progresso são os mesmos.

*

Cultiva a paciência, mantendo, alto e nobre, o ideal da fé espírita.

Não reajas pelo hábito de reagires. Age pela consciência do equilíbrio.

Não podes ser confundido com aqueles que perderam a fé, que desconhecem o “Reino de Deus” e se utilizam dos mesmos mecanismos vis para a sobrevivência inglória no corpo e os triunfos mentirosos da ilusão.

A consciência de fé proporciona a harmonia da paz, e nela a felicidade real.

Convidado ao debate injusto, ao duelo nas disputas inglórias do corpo, renuncia à presunção e sê simples como as aves do céu, os lírios do campo, confiante em Deus.

*

Nenhum tesouro que se equipare ao bem-estar da consciência recta e pacificada, em harmonia com os decretos divinos.

Amando o bem no lar, nos grupos social, de trabalho e religioso, e na comunidade, o cristão é uma carta viva de Jesus. Nela deve estar presente o Código que foi apresentado na montanha, como directriz de equilíbrio para os outros a exteriorizar-se de si próprio.

Não te permitas contaminar pelo bafio pestilento da loucura que a todos atinge.

Vitimado, banha-te na água lustral do Evangelho; retempera o ânimo; recompõe a actividade; volta à paz.

Vale o esforço a fim de que não fiques na rectaguarda, com os elos escravizantes retendo-te na imposição, para um retorno amargurado.

Avançar é a meta; seguir sempre é a directriz.

Não faltarão provocações e tentações, porque estes são dias de loucura. Não te deixes enlouquecer.

São horas de agressividade. Não te permitas enfurecer.

São momentos de tragédia. Não queiras sucumbir nas mãos dos maus, por motivos que não se justificam.

Sucumbir, somente pela glória do serviço a Deus, do irrestrito dever da caridade na vivência suprema do amor.

Ora mais, mais um pouco.

Vigia mais, advertido quanto ao rolo compressor que avança inexorável, esmagando os distraídos.

Os tempos, por fim, chegaram, mas recorda-te: Jesus está conosco.

JOANNA DE ÂNGELIS

(In: DESPERTE E SEJA FELIZ, cap. 12, psicografia de Divaldo P. Franco).

*